



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

NARRATIVAS INFANTIS: CAMPOS DE FORÇA E O DECOLONIAL NA FORMAÇÃO DE UM LEITOR CRÍTICO

Larissa Gotti PISSINATTI¹
Universidade Federal de Rondônia - UNIR

Wany Bernardete de Araujo SAMPAIO²
Universidade Federal de Rondônia - UNIR

Introdução

Neste trabalho temos por objetivo abordar as narrativas infantis enquanto manifestação dos campos de força e representações descolonizadoras, tomando por base uma obra da literatura do povo surdo: *Patinho Surdo*, de Lodenir Karnopp e Fabiano Rosa (2011). Tanto a noção de campos de forças quanto os estudos pós-coloniais contribuem para a sustentação teórica do argumento que se desenrola na reflexão proposta, em que as narrativas infantis com o propósito descolonização contribuem para a formação crítica do leitor.

Consideramos que o texto decolonial contribui na formação do senso crítico da criança, pois apresenta os diferentes campos de forças, as tensões entre grupos linguísticos distintos, assim como valores dos grupos aos quais a criança pertence. A leitura decolonial de narrativas infantis apresenta o viés crítico das produções culturais de grupos marginalizados e permite que as crianças pertencentes a esses grupos tenham a possibilidade de fortalecer o discurso de seu grupo, assim como os valores culturais, por intermédio da literatura. Dessa forma, o texto decolonial instiga a reflexão crítica sobre valores impostos pelo colonizador e

¹ Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia - UNIR; Docente efetiva, vinculada ao Departamento de Línguas Vernáculas/UNIR, na disciplina de LIBRAS. Grupo de Estudos em Cultura, Educação e Linguagens – GECEL/UNIR/CNPq. Grupo de Pesquisa Literatura, Educação e Cultura: caminhos da alteridade – LECCA/UNIR/CNPq. E-mail: larissa.pissinatti@unir.br

² Doutora em Linguística. Doutora em Educação Escolar. Grupo de Estudos em Cultura, Educação e Linguagens – GECEL/UNIR/CNPq. E-mail: wansamp@gmail.com



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Riondet (2003), ao comentar a obra *Estética da Recepção*, de Hans Robert Jauss, afirma que a leitura não é somente prazer estético, mas uma experiência social. Para Jauss (1978), a experiência estética não se opõe à experiência social do leitor. Em concordância com esse pensamento, Riondet (2003) aponta que “a experiência estética tem a função de trabalhar o interior do leitor a partir de sua realidade individual e suas experiências interindividuais” (RIONDET, 2003, p. 88). Jauss (1978) afirma que a obra possui uma função social, pois, por meio dela, é possível encontrar respostas para a percepção do mundo. A experiência do leitor com a obra pode libertá-lo e possibilita-lhe perceber o mundo a partir de uma nova percepção, alargando os limites do comportamento social, suscitando, assim, aspirações, exigências, posturas e experiências que até então não tinham sido vividas ou percebidas (JAUSS, 1978).

O leitor pode transformar sua percepção de mundo ou refletir sobre si mesmo, tendo como instrumento o objeto literário. Em relação a essa ideia, Bourdieu (2004) afirma que:

situar a leitura e o texto lido numa história de produção e da transmissão culturais significa ter uma possibilidade de controlar não só a relação do leitor com seu objeto, mas também a relação com o objeto que foi investido nesse objeto (BOURDIEU, 2004, p. 142).

O leitor carrega, em sua interpretação do texto, os elementos culturais que lhe são particulares. Assim a cultura, por intermédio da literatura, é uma forma de apresentar os campos em questão que conduzem o leitor a uma autorreflexão e problematização de si e da sua realidade social. Sobre isso, Bhabha (1998) considera que há

uma convicção crescente de que a experiência afetiva da marginalidade social -como ela emerge em formas culturais não-canônicas- transforma nossas estratégias críticas. Ela nos força a encarar o conceito de cultura exteriormente os *objets d'art* ou para além da canonização da “idéia” de estética, a lidar com a cultura como produção irregular e incompleta de sentido e valor, frequentemente composta de demandas e práticas incomensuráveis, produzidas no ato da sobrevivência social (BHABHA, 1998, p. 240).

As narrativas adaptadas do povo surdo, no Brasil, apresentam enunciações culturais através de campos de forças e podem ser instrumentos



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

4 Campos de força na narrativa decolonial *Patinho Surdo*

A obra *Patinho Surdo* é uma reescrita do clássico *Patinho Feio* de Hans Christian Andersen. Segundo Ashcroft, Griffiths, Tiffin (1991), a reescrita é característica do texto pós-colonial e possibilita a leitura na perspectiva do colonizado. Na narrativa *Patinho Surdo*, os personagens patos são surdos e vários fazem uso de Língua de Sinais; o livro apresenta ilustrações que permitem uma leitura visual, reforçando o valor das experiências visuais para o povo surdo. O texto é escrito em língua portuguesa, o que manifesta - por parte do povo surdo - a “apropriação” (ASHCROFT, GRIFFITHS, TIFFIN, 1991) dessa língua (na modalidade escrita) outrora imposta aos surdos nas modalidades oral e escrita.

Logo na primeira parte da narrativa, ocorre a manifestação de dois campos de contraste: o ninho dos personagens cisnes ouvintes e o ninho do casal de patos surdos que viviam na *Lagoa dos Patos*. A mãe pata estava passeando pela lagoa e, ao sentir cólicas para desovar, não consegue voltar ao seu ninho de origem e bota seu ovo em um “outro” ninho. Dessa forma, o ninho marca o conflito da narrativa e a angústia da pata em manter seu filhote no mesmo campo que o seu: “em prantos, gritava, em sinais: Perdi um ovo!” (KARNOPP e ROSA, 2011, p.15). A pata surda sabia que aquele outro ninho se diferenciava do que havia construído. O ninho em que ela perde o ovo pertence a um falante de outra língua: “aquele ninho pertencia a um cisne ouvinte” (KARNOPP e ROSA, 2011, p. 5) e isso os torna culturalmente diferentes.

O grito e o desespero manifestados pela pata surda podem ser compreendidos como manifestação de resistência a um grupo linguístico que faz fronteira na *Lagoa dos Patos*: o ninho dos cisnes ouvintes. Esta manifestação de dor e perda também anuncia a presença de campos de forças na narrativa: os patos surdos e os cisnes ouvintes, portanto mundos com línguas distintas e que apresentam hábitos e culturas diferentes.

Segundo Bourdieu (1996), “o campo literário é um campo de forças a agir sobre aqueles que entram nele, e de maneira diferencial segundo a posição que aí



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

literatura, pode transgredir os valores impostos, resistir, questionar e refletir sobre o mundo que o envolve.

Os campos de forças evidenciados na narrativa *Patinho Surdo* reforçam e empoderam os discursos e valores linguístico-culturais do povo surdo e, de certa forma, questionam e conduzem o leitor à reflexão sobre a colonização linguística que os surdos viveram e ainda vivem.

Portanto, a narrativa infantil, na sua forma de reescrita, ao evidenciar os campos de forças e elementos de um discurso decolonial, pode ser instrumento de formação crítica do leitor, reforçando valores e discursos de grupos minoritários que foram colonizados, confirmando, assim, o que afirmam Jauss (1978) e Bourdieu (1996): a literatura é um instrumento de formação, revolução e criação social.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história: destruição da experiência e origem da história**. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- ASHCROFT, Bill. GRIFFITHS, Gareth. TIFFIN, Helen. **The Empire Writes Back – Theory and practice in pos-colonial literatures**. London: Routledge, 1991.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BONNICI, Thomas. **O pós-colonialismo e a literatura estratégias de leitura**. Maringá: Eduem, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. **Coisas Ditas**. Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- _____. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p.17-59.
- COELHO, Kamilla C. S. F. **O desconstrucionismo e a estética da recepção na análise de poemas de Hilda Hilst**. 2009. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio>. Acesso em: 08/07/2016.

